

vênio, como também do presidente da Câmara em 1974. Fazem-se algumas transcrições, como a do prefácio de Rodolfo Garcia ao 1º Vol. de 1936 e a de atos oficiais referentes à Conjuração e a Tiradentes. Mais importantes que essa parte do volume (exceto a "Introdução", peça básica) são as notas aos documentos, da p. 87 à p. 339: não são numeradas, mas há um total de 268, com as iniciais dos autores. São 5 notas de Alexandre Miranda Delgado, 61 de Herculano Gomes Matias e 178 de Tarquínio J. B. de Oliveira, além de 2 assinadas por HGM — TJBO e 22 sem indicação. Valorizam ainda o volume um Glossário e os índices: o Geral (2 p.), o Cronológico (25 p.) e o Onomástico (14 p.). Vê-se por aí que a nova apresentação é mais funcional que a primeira, sem notas e muito pobre em índices. Louve-se o Glossário de termos e acepções inatuais constantes dos *Autos* (37 páginas, com 291 verbetes, muitos dos quais dispensáveis, pois mantêm hoje o sentido de então), por Tarquínio J. B. de Oliveira, de grande utilidade: este historiador, que se radicou em Minas, depois de publicar obra importante sobre as *Cartas Chilenas*, com o melhor texto da sátira (1972), impõe-se agora entre os grandes conhecedores do movimento de 1789, pela erudição de notas e do Glossário.

Não há dúvida que a atual publicação é superior à primeira: poder-se-á chamar esta de "edição da Imprensa Oficial de Minas", como aquela é do Ministério da Educação. Tem-se certeza não só pela qualidade do primeiro volume como pela Introdução, em que já se delineiam os nove restantes. O trabalho começa a ser impresso, mas está todo pronto, ao contrário do que aconteceu antes, como se vê na Introdução que Rodolfo Garcia escreveu e na qual o supervisor desta aponta com justeza, em nota, que "o Diretor da Biblioteca Nacional não tinha, ao iniciar-se a publicação, uma visão de conjunto do material que deveria ser impresso" (p. 72). O planejamento do todo é garantia da qualidade. Por outro lado, a Imprensa Oficial de Minas é bem equipada para realizar a tarefa: tem material e técnica, como o presente volume atesta, além do dinamismo do Diretor Hélio Caetano da Fonseca, que assegura o trabalho até o final do próximo ano. A reedição é de 5.000 exemplares: não consta do livro, mas temos a informação que 3.500 exemplares pertencem à Câmara dos Deputados, enquanto o Governo de Minas ficou com 1.500 exemplares. Os interessados — professores e pesquisadores — devem procurar imediatamente garantir o seu volume, junto aos editores, em Brasília ou Belo Horizonte, que a coleção se esgotará logo, tornando-se raridade, como a realizada pelo Ministério entre 1936 e 38.

FRANCISCO IGLÉSIAS

* * *

WILLEKE, OFM (Frei Venâncio). — *Franciscanos na História do Brasil*. Petrópolis. Editora Vozes. 1977.

No contexto das comemorações que marcam o IV Centenário do primeiro Convento Franciscano no Brasil, construído em Olinda (1585), pela benemérita

Terceira Franciscana de São Francisco, Dona Maria Rosa. Ainda do Jubileu de Prata da Custódia Franciscana de Nossa Senhora de Bacabal, — insere-se o último livro de Frei Venâncio Willeke: *Franciscanos na História do Brasil*, que a editora petropolitana está veiculando. Em cento e cinquenta e duas páginas de uma impressão primorosa, três vertentes de análise: introdução, objetivando familiarizar o leitor com um instrumental conceitual; notas bio-bibliográficas de uma impressão primorosa, três vertentes de análise: introdução, objetivando a formação global do Brasil. Em terminando, uma mensagem corajosa e oportuna. Ainda há: índice onomástico e bibliografia setorizada em fontes manuscritas e impressas, complementando e muito, as notas, retificando, de fim de capítulo.

Um livro, um belo livro que se lê de um fôlego, acionando tanto pela emoção de um re-encontro com personalidades marcantes, outras então desconhecidas; ambas sob o mesmo denominador de desprendimento, de alegria, de presença no cotidiano, que identifica o próprio espírito do franciscanismo. De ontem, de hoje. Dir-se-ia que nenhum outro franciscano estaria tão credenciado, quanto o franciscano Frei Venâncio para falar dos franciscanos falecidos.

Natural da Província Franciscana da Saxônia, frei Venâncio está no Brasil há cinquenta e um anos, com uma folha de serviços conhecidos, impressionante pela versatilidade, missionário junto aos índios acuados em recantos os mais longínquos; sacerdote em paróquias encravadas em pequenos núcleos beiradeiros, interioranos; guardião de conventos seculares: mestre de noviços; assistente de irmandades integradas pelos mais pobres; pesquisador infatigável dos arquivos eclesiásticos, talvez haja este último "carisma" sensibilizado o Ministro Geral dos Franciscanos, Frei Constantino Köser (brasileiro de Santa Catarina) quem de Roma, determinou a criação de um Centro de *História Franciscana do Brasil*, sob a responsabilidade de Frei Venâncio, autor de obras bilíngües: português e alemão. Encargo que vem sendo um desafio; pois há mais de dois lustros, Frei Venâncio é o único "funcionário" da entidade, sediada no tri-secular Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro. Plataforma de um trabalho, uma meta gigantesca que o leva a deslocar-se para os arquivos mais distantes, carentes de uma sistematização metodológica. Ainda o mês passado uma correspondência era remetida da filмотeca histórica de um colégio gaúcho, constante e atuante e, a de hoje, traz o carimbo da Arquidiocese do Maranhão. Apesar e, mais ainda, de sacrifícios sem limites, Frei Venâncio, ele próprio um autêntico filho da vivência do *Poverello* de Assis, vem se comunicando oral e por escrito; com total segurança, num estilo fluente, uma objetividade, uma abertura à crítica até então quase ausente dos estilos, mesmo fluentes, mas apoloгéticos da maioria dos cronistas vinculados, ou simpatizantes, a determinadas instituições religiosas. Linha em que Frei Venâncio abre perspectivas luminosas ao ressaltar, na atuação de franciscanos no processo de colonização e desenvolvimento do Brasil, documentos da maior valia, até então reservados ou sepultados em arquivos pouco acessíveis. Desta incursão, talvez dos próprios apontamentos, retornou com uma equipe de dez modelos, dez

irmãos, numa seleção operacional, com critério, a semelhança de outras congêneres se nos escapam. Dir-se-ia que, contagiado em parte, pela atemporiada de eles, os escolhidos por Frei Venâncio serão mencionados *en passant* com a ordenação do próprio livro e identificação que se segue:

1. — *Frei Henrique de Coimbra*, primeiras misas no Brasil (* em Coimbra ??, † em Olivença, 14.IX.1532).

2. — *Frei Pedro Palácios*, primeiro eremita do Santuário da Penha do Espírito Santo (* em Salamanca, † em Vila Velha, por volta de 1570).

3. — *Frei Melchior de Santa Catarina*, fundador da Custódia de Santo Antônio do Brasil (* em Coimbra, em 1546, † em Lisboa, 1618).

4. — *Frei Vicente do Salvador*, pai da História do Brasil (* na cidade do Salvador — Bahia, 1567, † no Convento de São Francisco do Salvador — 1636-1639).

5. — *Frei Custódio de Lisboa*, 1º naturalista do Brasil (* em Lisboa, 15.VII.1583, † no Convento de Santo Antônio de Lisboa, 14.IV.1652).

6. — *Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão*, cronista e sócio das Academias dos Esquecidos e dos Renascidos (* em Jaboatão, Pernambuco, 1695 e † no Convento de São Francisco do Salvador, 7.VII.1779).

7. — *Frei José Mariano da Conceição Veloso*. Botânico, enciclopedista e editor: (* em São José del-Rei, Minas Gerais, 1741 e † no Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro, 13.VII.1811).

8. — *Frei Francisco de Santa Tereza de Jesus Sampaio*. Orador sacro e político (* na cidade do Rio de Janeiro, 8.VIII.1778, † no Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro, 13.IX.1830).

9. — *Frei Antônio de Arrabida*. Preceptor de Pedro I, diretor de estudo dos príncipes imperiais e dos escravos das senzalas petropolitanas (* em 9.I.1771, † no Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro, onde apesar de nomeado Bispo de Anemúria em 1826, sempre residiu até seu falecimento em 1850).

10. — *Frei Antônio de São Camilo de Lelis*. Restaurador das Províncias Franciscanas do Brasil (em 14.IX.1901, * em Propriá (SE) em 10.VIII.1820, † no Convento de Nossa Senhora dos Anjos de Penedo, 21.XI.1904).

Da mensagem tramitada por Frei Venâncio na página 142, a advertência que se segue:

“Quem teria ousado falar sequer na emancipação do Brasil, se não tivesse precedido perseverante trabalho tri-secular dos missionários entre os selvícolas? — Todos os franciscanos que con-

tam milhares, cooperaram lançando os alicerces da Pátria independente, e defendendo os direitos humanos, dos descendentes dos pré-cabralinos”.

Encerrando a oportuna reflexão, volta a advertir:

“A história pátria e os grandes vultos que nela se projetaram, vistos por esse prisma, convidam para a tomada de consciência das responsabilidades do presente”.

Na abertura que vem sendo facultada pelo franciscano historiador, caberia indagação sobre a presença das mulheres franciscanas terceiras e enclausuradas, no contexto da atuação da Igreja no Brasil.

Certo, ainda ao que se saiba, não se tem uma visão global, equilibrada, em termos de crítica, do papel das ordens religiosas na pátria brasileira. Parâmetro que somente se facultaria através de uma infra-estrutura de pesquisas nos arquivos do país e do estrangeiro, do qual o pioneirismo, o auto-didatismo de Frei Venâncio vem arrancando o maior respeito. Seja, a nível de sugestão, uma outra pesquisa já realizada ou a ser complementada sobre essa extraordinária quase desconhecida *Maria Rosa Leitão*, que a nota nº 9 da página 49, suscintamente informa: “D. Maria Rosa Leitão, viuva de Pedro Leitão, prestara aos jesuitas bons serviços de catequista e intérprete nas confissões dos índios, até que o primeiro bispo de Salvador (Fernando Sardinha) proibiu o emprego de intérpretes nas confissões (Cf. ANAIS da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, nº 49, página 9, 1936 e *Leite* (Pe. Serafim), Nóbrega, doutíssimo, in BROTERIA. Lisboa, volume 72, página 424, 1961).

Com a transcrição do que se poderia afigurar como um apetitoso *hors d'oeuvre* para o paladar dos interessados na História Social, a ressalva de que, colocar problemas seria uma outra maneira de encerrar estas notas decorrentes da leitura do último livro de Frei Venâncio Willeke, *Franciscanos na formação do Brasil*.

MARIA REGINA

* * *

BOURDON (Léon). — *José Corrêa da Serra. Ambassadeur du Royaume-Uni de Portugal et Brésil à Washington, 1816-20*. Paris. Fundação Calouste Gulbenkian. Centro Cultural Português. 1975. 668 pp.

Léon Bourdon, professor na Sorbonne, ligou-se intimamente a Portugal, interessando-se por sua língua, História e cultura, que ensinou e contribuiu para divulgar. Já menor é seu interesse pelo Brasil, embora, entre suas obras,